

Especialistas apontam necessidade de melhorar governança corporativa no Brasil

Na segunda conferência do ciclo “Repensar o Brasil”, promovido pela FEA, conferencistas falaram sobre os desafios da governança no mundo atual

Por [Diego C. Smirne](#) - Editorias: [Atualidades](#), [Rádio USP](#)



“É importante formar profissionais preparados para os desafios da governança”, diz Nelson Carvalho

Dando seguimento às comemorações aos 70 anos da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP, ocorreu na manhã de quinta-feira, 13 de outubro, a segunda conferência do ciclo *Repensar o Brasil*. Desta vez, o tema discutido foi “Integridade corporativa no Brasil”. Os professores da FEA Nelson Carvalho e Jerônimo Antunes e a presidente do conselho de administração do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) sentaram-se à mesa do Salão de Conferências da faculdade para tratar, principalmente, dos desafios da área da governança no País e no mundo moderno.

O professor Carvalho iniciou com uma breve definição do conceito de integridade corporativa, caracterizando-o como um sistema que permite que uma empresa seja bem-sucedida. Mas, sendo professor e falando dentro de uma universidade, Carvalho chamou a atenção para outra face da discussão: “Nenhum dos muitos desafios do Brasil poderá ser transposto sem educação. Portanto, devemos aqui estar preocupados em formar economistas, administradores, atuários e contadores capazes de enfrentar esses desafios”.

Sandra Guerra voltou então à explicação sobre a governança corporativa. “Trata-se de um conceito para dirigir, monitorar e incentivar organizações (não apenas empresas), guiando seu corpo de agentes – donos, acionistas, associados, administradores, auditores”, explicou. Segundo ela, o objetivo é uma melhor administração e a otimização dos valores gerados pela organização, tanto econômicos como sociais (no sentido do efeito que a organização gera e o que ela oferece à sociedade).

Ela relaciona a crise de integridade vivida pelo Brasil a falhas de governança corporativa, assim como diversas outras grandes crises que ocorreram recentemente no mundo. Com isso, ressalta que devemos lembrar também que, apesar de o pensamento sempre se voltar primeiro à política, empresas privadas estão envolvidas nessas crises e escândalos. “A governança corporativa é um elemento de proteção, um sistema que propicia criação de valor e sua proteção, através de princípios como transparência, equidade, prestação de contas e responsabilidade corporativa”, afirma.

Apesar do que Sandra chama de um “*tsunami* que varre o Brasil”, ela enxerga grandes avanços no País em relação ao assunto. Ela lembra que vinte anos atrás nem havia um termo em português para a governança corporativa, e o conceito nem se encaixava aqui, pois as empresas brasileiras operavam com capital centralizado, não disperso na bolsa de valores, como já ocorria no Hemisfério Norte. Hoje, segundo ela, embora o mercado de capitais ainda seja muito pequeno no Brasil, há um interesse em melhorar a governança nas empresas, porém ainda há um longo caminho a percorrer. “Quando a água do ‘*tsunami*’ baixar, teremos que rever a governança das estatais e das empresas de economia mista, mas vejo um cenário positivo e promissor para quando esse momento chegar”, analisa.



“Há avanços na governança no Brasil, mas ainda há muito o que fazer”, afirma Sandra Guerra

O professor Carvalho colocou em pauta alguns desafios que o avanço digital impõe aos agentes da governança. Entre eles, estão os *bitcoins*, uma espécie de moeda digital que foge ao controle dos bancos centrais e, assim, pode ser utilizada com má fé; também as *fintechs*, abreviação para *financial technology* (tecnologia financeira), que operam basicamente como bancos, porém sem agências físicas, o que também gera problemas para a governança; e a *high frequency trading* (comércio de alta frequência), através da qual se vendem e compram ações em nanossegundos. Sem falar em questões que tocam as relações humanas de trabalho,

como a crescente adesão ao sistema de *home office*, em que se trabalha de casa e que requer mudanças na disciplina da conduta pessoal.

Para Sandra, o grande desafio nesses casos é redefinir estratégias. “As mudanças trazidas pela tecnologia são, além de muito aceleradas, avassaladoras, alteram completamente o jeito de se pensar negócios e, conseqüentemente, fatores como relações trabalhistas e outros que são levados em conta na governança corporativa”, avalia. Ela cita empresas como a Uber ou a Air B&B, a primeira um novo gigante dos transportes, que, porém, não possui um veículo sequer, e a segunda, uma crescente alternativa no ramo de hospedagem, que também não possui hotéis.

Sandra se diz preocupada com a velocidade e o dinamismo do mundo digital do ponto de vista do processo de tomada de decisão. “A todo momento, uma coisa nova pode acontecer e mudar completamente a realidade de uma empresa, enquanto o administrador está numa reunião, por exemplo. Com isso, as decisões têm que ser tomadas muito rapidamente, não há um tempo de maturação”, explica. Nesse ponto, ela destaca a importância do comportamento humano e do debate de ideias como fatores que influenciam diretamente a integridade corporativa. “O sistema de governança é mutável, é contextual”, conclui.

A próxima conferência do ciclo *Repensar o Brasil* terá o tema “Previdência Social: um modelo equilibrado e duradouro?”, e terá as presenças dos professores Hélio Zylberstajn e Luis Eduardo Afonso e de Eduardo Zylberstajn. Ela ocorrerá no dia 24 de outubro, às 11h15, no Salão de Conferências da FEA (Avenida Prof. Luciano Gualberto, 908, Cidade Universitária, São Paulo – SP).